

RECREAÇÃO PARA DEFICIENTES AUDITIVOS

Fernanda Soares Reis¹

Francisco José Fornari Sousa²

RESUMO

A partir do tema inicial que busca abordar a recreação para deficientes auditivos este trabalho tem por objetivo identificar o papel dessa temática no ensino regular através de atividades elaboradas nas aulas de Educação Física. Justifica-se essa abordagem tendo em vista a importância da Educação Física no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos deficientes auditivos, envolvendo a recreação para esses indivíduos, considerando que é possível contribuir com a sua integração e socialização. Da mesma forma, pela necessidade de incluir o aluno especial no ensino regular, que muitas vezes vivencia preconceitos, exclusão social e educacional. Essas descrições serão baseadas na pesquisa bibliográfica através da revisão de literatura e do levantamento de materiais referenciados ao final. Espera-se que este estudo possa contribuir para melhor entendimento sobre o tema e na compreensão de sua importância para o aluno especial, no sentido de servir como instrumento para sinalizar a necessidade de promover a inclusão no processo educativo. Com isso, lançar um novo olhar sobre o assunto que envolve a surdez e a proposta de atividades recreativas, apontando limites, possibilidades e oportunidades para esses indivíduos, buscando a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento integral do ser humano.

Palavras-chave: Deficientes Auditivos. Educação Física. Inclusão.

¹ Acadêmica da 8ª fase do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

² Prof. da disciplina de TCC do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

RECREATION FOR HEARING IMPAIRED

Fernanda Soares Reis¹

Francisco José Fornari Sousa²

ABSTRACT

From the opening theme that seeks to address the recreation deaf this work aims to identify the role of this theme in mainstream education through activities developed in Physical Education. Justified this approach in view of the importance of physical education in the development and learning of deaf process involving recreation for these individuals, considering that it is possible to contribute to their integration and socialization. Likewise, the need to include a special student in regular education, which often experiences prejudices, social and educational exclusion. These descriptions are based on literature search through the literature review and survey of materials referenced at the end. It is hoped that this study will contribute to better understanding of the subject and understanding of its importance to the special student, to serve as an instrument to signal the need to promote inclusion in the education process. With that, take a fresh look on the subject that involves deafness and the proposed recreational activities, pointing limits, possibilities and opportunities for those individuals seeking to improve the quality of life and the integral development of the human being.

Words-Key: Deaf. Physical Education. Inclusion.

¹ Acadêmica da 8ª fase do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

² Prof. da disciplina de TCC do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho realiza a abordagem do tema recreação para deficientes auditivos, tendo em vista sua importância na Educação Física e pela necessidade de incluir o aluno especial no ensino regular, compreendendo que esse público é alvo de muitos preconceitos, exclusão social e educacional.

Neste aspecto, percebe-se que a Educação Física através de atividades recreativas pode representar um fator importante e significativo para o indivíduo surdo, no sentido de contribuir através de suas atividades específicas para o desenvolvimento das habilidades desse indivíduo.

Dessa forma, busca-se evidenciar o papel do aspecto recreativo, haja vista que o conteúdo que compõe o currículo de Educação Física pode ter diferentes enfoques e assim colaborar para a integração, a socialização, o desenvolvimento da afetividade e da motivação e, por consequência auxiliar no desenvolvimento integral do aluno com deficiência auditiva.

Nesse sentido, salienta-se a importância da orientação de atividades recreativas para esses indivíduos e sua inserção na escola de ensino regular através das aulas de Educação Física.

Através deste trabalho, pesquisar a importância de trabalhar este conteúdo nas aulas de Educação Física, abordando algumas propostas de ensino e pesquisar quais as dificuldades encontradas pelos professores quanto a sua formação para ministrar aulas para deficientes auditivos.

A metodologia utilizada é a pesquisa de campo, através de um questionário, baseado em Gorgatti e Costa (2005) composto por uma pergunta abertas e sete fechadas, totalizando oito perguntas visando obter a opinião dos professores de Educação Física acerca do tema, questionário este aplicado no mês de setembro de 2014.

A população alvo são 12 professores de Educação Física das escolas do município de Capão Alto-SC, fazendo parte da pesquisa três escolas municipais com dez professores, e uma estadual com dois professores.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RECREAÇÃO

A Educação Física, ao longo do tempo, enquanto componente do currículo escolar, tem privilegiado diferentes práticas pedagógicas, contemplando, a partir de seus pressupostos filosóficos, diferentes concepções de homem, sociedade e educação.

O movimento faz parte da vida e é através dele que são expressas emoções, conhecimentos e a intensidade de todo o universo. O domínio dos movimentos dá chance às pessoas de uma melhor integração com o grupo. Isso confere ao convívio social uma correspondência de realização e bem-estar, que são importantes para a evolução física e emocional. Segundo Le Boulch (1982), “[...] o primeiro objetivo da Educação Psicomotora é permitir à criança viver um corpo disponível, caracterizado por um bem-estar e uma harmonia de seus movimentos.”

Estudos na área das ciências vêm comprovando que o corpo humano é uma máquina complexa e sensível, e as suas milhares de células, com variedades significativas, formando uma interligação que permite trabalhar esse corpo das mais diversas possibilidades, que virão a contribuir para o seu desenvolvimento integrado através dos movimentos.

O homem, ao movimentar-se, está sempre ocupado com algo. Em cada gesto, em cada postura, em cada expressão estamos estabelecendo um diálogo silencioso, mas profundamente revelador, com os outros e com o mundo. É neste diálogo, no e com o mundo, que evidenciamos ou ocultamos nossas limitações corporais, desvelando via linguagem corporal, a nossa história social. O movimento humano é a forma pela qual o homem se expressa, comunica-se, integra-se no meio social (SANTA CATARINA, 1998, p. 231).

O movimento está essencialmente ligado à educação, deve ter o compromisso de respeitar a individualidade do aluno, cada um tem seu limite e trás sua história. Deve proporcionar espaço para explorar os limites orgânico-biológicos, onde eles tenham autonomia de criar e modificar o que está estabelecido (regras) e também se desenvolvem como um ser social (SANTA CATARINA, 1998).

Vimos isso inserido na Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p. 153): “É importante que o curso do magistério, por sua ação profissionalizante desenvolva a consciência de corporeidade em seus alunos, bem como o conhecimento de que o movimento é fundamental para a criança conhecer-se e perceber-se, enquanto corporalidade e movimento”.

Pode-se assim dizer que o trabalho do docente passa a ser uma atividade conjunta entre professores e alunos, onde juntos planejam, organizam, executam, tendo em vista a consciência dos movimentos, como ponto de partida e de chegada, como um dos meios para se alcançar o conhecimento.

O movimento não acontece sozinho. Não há um movimento pelo movimento. Toda ação tem uma intenção, seja ela expressiva ou funcional e é sempre determinada por algum

fator.

No entanto Mattos e Neira (2000, p.17) ressalta: “Toda ação tem uma intenção, é sempre determinada pela sua dimensão cultural: um jogo, um esporte, uma dança, um trabalho, uma expressão etc., qualquer gesto é sempre sustentado por um significado.”

O gesto carregado de sentido, significado e intenção, onde ocorre ação cognitiva, afetiva, social e motor, pois através do movimento pode inserir a criança a uma situação onde ela seja obrigada a pensar e planejar, tornando-se esse movimento com significado, com intenção.

Outro aspecto a mencionar é a criança ter prazer no que está fazendo, construindo e aprendendo.

Em Mattos e Neira (2000, p. 18) lê-se que “[...] essa felicidade, a qual nos referíamos nada mais é do que o envolvimento das crianças com a atividade, com viver o brinquedo, sentir as emoções de jogar, arriscar-se, experimentar e conseguir.”

A educação pelo movimento abrange ser total, ao homem como todo, como descreveremos, o movimento só adquire significado dentro de um contexto, seja ele jogo, trabalho ou expressão (LE BOULCH, 1982).

Toda a educação pressupõe tomar decisões enquanto à finalidade da ação educativa. O objetivo por nós apontado é o de favorecer o desenvolvimento de um homem capaz de atuar num mundo em constante transformação por meio de um melhor conhecimento e aceitação de si mesmo, um melhor ajuste de sua conduta e uma verdadeira autonomia e acesso às suas responsabilidades no marco da vida social (FERREIRA et al, 2014, p.1).

Ao falar de educação pelo movimento deve-se enfatizar a psicomotricidade pois vem de encontro com a aprendizagem.

Para a Collello (1995, p.23):

A educação pelo movimento é uma educação psicomotora de base, que visa atingir a criança no plano afetivo (isto é, na capacidade de se relacionar com os outros e com as coisas) ... Em outras palavras, poderíamos afirmar que a educação pelo movimento visa conjugar os fenômenos motores, intelectuais e afetivos, garantindo ao homem melhores possibilidades na aquisição instrumental e cognitiva, bem como na formação da sua personalidade.

A capacidade de movimentar-se põe o homem em relação com o ambiente, em correlação com o mundo inanimado e animado e, por isso, com os outros indivíduos e sociedade (COLELLO, 1995).

O corpo humano é basicamente formado pelo sistema nervoso (que põe o homem em relação com o ambiente) e os sistemas e órgãos da vida chamada vegetativa (que servem para ajudar o indivíduo a crescer e a gozar do máximo de bem-estar do corpo e da saúde) (COLELLO, 1995).

O sistema nervoso é capaz de brindar com as mais belas impressões do mundo e da

natureza, com a pureza do pensamento e a tranquilidade do espírito, no entanto, para o desenvolvimento sadio de corpo e mente, todas as funções do corpo precisam ser exercidas. Se existe cérebro, sentidos e órgãos, eles tem que ser exercidos em cada parte. O movimento poderá ser a última parte a se manifestar, mas nunca poderá ser negligenciado, pois ele é a parte do sistema nervoso, que precisa ser exercitado em sua totalidade. Por isso, não se deve considerar o movimento como um fim em si mesmo (COLELLO, 1995).

O profissional de Educação Física deve abandonar aquele planejamento rígido, no qual só ele toma as decisões e passar a dar oportunidade para que os alunos possam assim do planejamento e da execução da aula.

Ao fazer das aulas abertas uma realidade para Educação Física escolar, o professor impede que os educandos sejam manipulados nas práticas educativas da disciplina. Dentro de uma concepção de ensino aberto deve-se contribuir para a formação do aluno no sentido de torná-lo uma pessoa que saiba refletir criticamente, e atuar autonomamente. Permitir a tomada de decisões por parte do aluno promove o processo de decisão democrática (MOREIRA, 1995).

Exercer a atividade docente, ou seja, “dar aulas” não se resume a uma atividade técnica. O ato de ensinar não é o mesmo que aplicar métodos e técnicas, ou ainda copiar a receita do bolo na resolução de um problema qualquer que possa surgir nas diversas situações de aula. A dificuldade maior não é encontrar a resposta do problema e sim identificar o problema ou as situações problemáticas. É aqui que se torna necessária a capacidade de reflexão e crítica do professor: “[...] a conversa-reflexiva-com-a-situação permite aos atores repensar a compreensão do que ocorre, refletir sobre suas perspectivas e procurar comunicá-las.” (MOREIRA, 1995, p. 17)

Os parâmetros curriculares nacionais advogam um princípio muito importante para a prática da Educação Física, que é o princípio da inclusão, onde:

[...] a inclusão do aluno é o eixo fundamental que norteia a concepção e a ação pedagógica da Educação Física Escolar, considerando todos os aspectos ou elementos, seja na sistematização de conteúdos e objetivos, seja no processo de ensino e aprendizagem, para evitar a exclusão ou alienação na relação com a cultura corporal de movimento (BRASIL, 1998, p. 30).

Para tanto, a Educação Física não pode ficar indiferente face ao movimento da inclusão, pois, como parte integrante do currículo da escola, esta disciplina pode ser um adjuvante no referido processo.

Lemos (2002) cita que “[...] a EF, como disciplina curricular, deverá ter como princípio norteador aceitar as diferenças na aprendizagem e abandonar as ideias de homogeneidade e de exclusão dos menos aptos.”

“A aula de Educação Física deve ser um exercício para a nova sociedade, sem discriminação, e com atitudes de solidariedade, respeito e aceitação, na qual não haverá lugar para o, preconceito e a exclusão.” (SOLER, 2002, p.21-22)

De acordo com os PCNs a Educação Física deve tornar inclusivos os seus objetivos, conteúdos, processo de ensino e aprendizado e avaliação, e não seletivos, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência.

A Política Nacional de Educação Especial define a deficiência auditiva como sendo a “[...] perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido.” (BRASIL, 1994, p.14)

“Essa definição permite concluir que: 1) existem diferentes graus de perda auditiva; 2) a surdez pode ocorrer em diferentes fases do desenvolvimento; e 3) a sua pior consequência é a impossibilidade de ouvir a voz humana.” (SANTOS FILHA, 1996, p.190)

Dependendo da época da instalação da deficiência e do grau da perda auditiva, o indivíduo pode ter dificuldades no relacionamento, na comunicação, na compreensão de conceitos e regras e na apreensão de conhecimentos através dos meios mais comuns, que é a língua oral (fala) (SANTOS FILHA, 1996, p.190).

De acordo com Rosadas (1989, p. 76): “Um deficiente pode praticar basquete, boliche, vôlei, futebol, atletismo, natação, ginástica, etc., desde que algumas adaptações sejam feitas para seu total acesso à atividade esportiva.”

Ainda de acordo com Rosadas (1989) é importante que o profissional que vai trabalhar com o deficiente tenha sempre a preocupação de motivar, no sentido de despertar e atrair o interesse dos alunos para uma consequente mudança de atitude, que lentamente vai propiciar um clima adequado para a aprendizagem.

As técnicas de motivação, ao serem transmitidas para uma pessoa, podem ser representadas por uma mudança de expressão facial ou gestual (um sorriso ou um sinal positivo com as mãos).

Para prescrever programas de atividades, métodos e sistemas, devemos conhecer o material com o qual vamos trabalhar – as pessoas, a área, o equipamento, as condições ambientais, etc. Dessa forma, conscientes e munidos de bom senso, podemos prescrever “bons programas” porque vão atingir individualmente o personagem (ROSADAS, 1989, p.80).

3 METODOLOGIA

O presente trabalho constitui-se de uma pesquisa, que conforme Gil (1987) apud Andrade (2010) é o processo racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar

respostas aos problemas que são propostos.

Quanto á natureza, trata-se de um trabalho científico original. Segundo Andrade (2010), por trabalho original entende-se uma pesquisa realizada pela primeira vez, que venha a contribuir com novas conquistas e descobertas para evolução para a evolução do conhecimento científico.

A pesquisa se caracteriza como descritiva, na qual os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados sem que o pesquisador interfira neles (ANDRADE, 2010).

Quanto ao objeto, é uma pesquisa de campo, pois segundo Andrade (2010) a coleta de dados é efetuada em campo, onde ocorrem espontaneamente os fenômenos. E o instrumento utilizado é um questionário, baseado em Gorgatti e Costa (2005) composto por uma perguntas abertas e sete fechadas.

Totalizando oito perguntas, aplicado no mês de setembro de 2014, com objetivo de obter a opinião dos professores de Educação Física de Capão Alto-SC sobre o a recreação para deficientes auditivos.

A população alvo são 12 professores de Educação Física das escolas do município de Capão Alto, SC, fazendo parte da pesquisa três escolas municipais com dez professores e uma estadual com dois professores.

3.1 Análise e discussão dos dados

Conforme a tabela 1 (n=3, 25%) tem nível superior incompleto, (n=2, 16,7%) tem nível superior completo e (n=7, 58,3%) já tem pós-graduação.

Tabela 1. Nível de formação

	f	%
Superior em curso	3	25%
Superior completo	2	16,7%
Pós-graduação	7	58,3%
Mestrado	0	0
Doutorado	0	0
Total	12	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo a Lei 9.394/96 em seu artigo 62: “A formação de docentes para atuar na

educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação [...].”

Na tabela 2 são expostos os dados referentes ao tempo de experiência no magistério como professor de Educação Física, sendo que (n=3, 24,9%) tem de 1 a 3 anos, (n=2, 16,6%) tem de 4 a 6 anos, (n=6, 50%) tem e 7 a 19 anos e (n=1, 8,3%) possui de 20 a 35 anos de experiência.

Tabela 2. Tempo de Experiência no Magistério como professor de Educação Física.

	f	%
1 a 3 anos	3	24,9%
4 a 6 anos	2	16,6%
7 a 19 anos	6	50%
20 a 35 anos	1	8,3%
Total	12	100%

Fonte: Dados da Pesquisa.

Conforme Nascimento e Graça (1998) apud Shigunov e Shigunov Neto (2002) a classificação dos professores se dá em ciclos de desenvolvimento profissional, são eles: de 1 a 3 anos de docência é a fase de “Entrada”, de 4 a 6 anos fase de “Consolidação”, de 7 a 19 anos é a fase de “Diversificação” e de 20 a 35 anos de docência é a fase de “Estabilização”. Sendo assim, dos professores pesquisados neste estudo a maioria encontra-se na fase de “Entrada”.

Segundo Nascimento e Graça (1998) apud Shigunov e Shigunov Neto (2001) a fase de Entrada compreende os primeiros anos da carreira e consiste no período de transição entre a formação inicial e a atividade profissional contínua.

Na tabela 3 são expostos os dados referentes a formação, se teve disciplinas que tratavam da Educação Física Adaptada, sendo que (n=5, 41,5%) tiveram disciplinas na formação que tratavam da Educação Física Adaptada; Sim (n=7, 58,5%) não tiveram disciplinas que abordavam a questão da Educação Física Adaptada.

Tabela 3. Disciplinas na formação que tratavam da Educação Física adaptada?

	f	%
Sim	5	41,5
Não	7	58,5
Total	12	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

Logo, é necessária a formação continuada do Professor de Educação Física, visando

atualizar sua formação para que possa dar conta da função social da disciplina que leciona.

Para prescrever programas de atividades, métodos e sistemas:

[...] devemos conhecer o material com o qual vamos trabalhar – as pessoas, a área, o equipamento, as condições ambientais, etc. Dessa forma, conscientes e munidos de bom senso, podemos prescrever “bons programas” porque vão atingir individualmente o personagem (ROSADAS, 1989, p.80).

Na tabela 4 são expostos os dados referentes aos conteúdos trabalhados regularmente, sendo que (n=7, 58,5%) trabalham esporte (n=3, 24,9%) trabalham jogo; (n=1, 8,3%) trabalham Dança; trabalham (n=1, 8,3%) Ginástica.

Tabela 4. Que conteúdos você trabalha em suas aulas regularmente.

	f	%
Esporte	7	58,5
Jogo	3	24,9
Dança	1	8,3
Ginástica	1	8,3
Total	12	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

Já as atividades rítmicas, se envolverem coreografia, costumam demandar um pouco mais de tempo de treinamento, devido à necessidade de internalizar o tempo e o andamento da execução dos movimentos sem o auxílio de uma trilha sonora (mesmo com boa amplificação os surdos não conseguem perceber a maior parte das nuances de uma música) (BRASIL, 1994).

De acordo com os PCNs (1998) “[...] a Educação Física deve tornar inclusivos os seus objetivos, conteúdos, processo de ensino e aprendizado e avaliação, e não seletivos, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência.”

Tabela 5. Você se acha apto para trabalhar com alunos com deficiência auditiva?

	f	%
Sim	2	16,6
Não	10	83,4
Total	12	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

Na tabela 5 são expostos os dados referentes a estar apto ou não para trabalhar com alunos com deficiência auditiva, sendo que (n=2, 16,6%) consideram-se aptos a trabalhar com alunos com deficiência e (n=10, 83,4%) Não se consideram aptos.

“Toda ação tem uma intenção, é sempre determinada pela sua dimensão cultural: um

jogo, um esporte, uma dança, um trabalho, uma expressão etc., qualquer gesto é sempre sustentado por um significado.” (MATTOS; NEIRA, 2000, p.17)

Tabela 6. Você conhece e utiliza LIBRAS?

	f	%
Sim	5	41,5
Não	7	58,5
Total	12	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

Na tabela 6 são expostos os dados sobre se conhece e utiliza LIBRAS, sendo que (n=5, 41,5%) Sim, conhecem e utilizam LIBRAS (n=7, 58,5%) Não conhecem e não utilizam LIBRAS.

Saber em que momento se instalou a deficiência auditiva é fundamental para planejar as necessidades de estimulação da criança, seja qual for a sua idade.

“LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é um diferencial na identificação dos surdos, embora a expressão facial e corporal que acompanham os sinais, sejam também partes importantes na composição da cultura dos surdos.” (MENEZES; SANTOS, 2006, p.34)

Tabela 7. Você acha importante a Educação Física para deficientes auditivos?

	f	%
Sim	12	100
Não	0	0
Total	12	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

Na tabela 7 são expostos os dados sobre a importância da Educação Física para deficientes auditivos, sendo que (n=12, 100%) consideram importante as aulas de Educação Física para deficientes auditivos.

Vimos isso inserido na Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p. 153): “É importante que o curso do magistério, por sua ação profissionalizante desenvolva a consciência de corporeidade em seus alunos, bem como o conhecimento de que o movimento é fundamental para a criança conhecer-se e perceber-se, enquanto corporalidade e movimento.”

Na tabela 8 (n=2, 16,67%) professores assinalaram que a educação física deve ser desenvolvida através de libras, (n=4, 33,33%) responderam que deve ser desenvolvida através de atividades que trabalhe some tato, (n=4, 33,33%) afirmaram que da mesma forma que para outros porem adaptando conforme a necessidade, (n=1, 8,33%) responderam que um aluna

normal adaptada às vezes algum material, espaço e mostrar através de gestos, (n=1, 8,33%) responderam que a socialização desenvolvendo habilidades perspectiva e motora.

Tabela 8. Você acha importante a Educação Física para deficientes auditivos?

	f	%
Através de LIBRAS	2	16,67
Atividades com som e tato	4	33,33
Da mesma que os outros conforme, porém adaptado	4	33,33
Aula normal, adaptando espaços e materiais	1	8,33
Desenvolvendo habilidades motoras	1	8,33
Total	12	100%

Fonte: dados da pesquisa.

“A Educação Física, como disciplina curricular, deverá ter como princípio norteador aceitar as diferenças na aprendizagem e abandonar as ideias de preconceito.” (LEMOS, 2002, p.47)

Que tipo de atividades devem ser oferecidas para turmas que tenham alunos com deficiente auditivo, em sua opinião?

Os entrevistados foram unânimes em afirmar que as atividades oferecidas para turmas que tenham deficientes auditivos devem seguir o que está previsto no planejamento do professor, apenas, que sejam realizadas as devidas adaptações para que o aluno possa participar da aula.

De acordo com Rosadas (1989) é importante que o profissional que vai trabalhar com o deficiente tenha sempre a preocupação de motivar, no sentido de despertar e atrair o interesse dos alunos para uma consequente mudança de atitude, que lentamente vai propiciar um clima adequado para a aprendizagem.

4 CONCLUSÃO

De acordo com a visão dos professores de Educação Física entrevistados, Educação Física através de atividades recreativas pode representar um fator importante e significativo para o indivíduo surdo, no sentido de contribuir através de suas atividades específicas para o desenvolvimento das habilidades desse indivíduo.

Considerando a pesquisa bibliográfica e de campo, ficou evidente a importância da

Educação Física para o Deficiente Auditivo, entretanto, faz-se necessária a formação continuada do professor, visando preencher lacunas deixadas na formação acadêmica e ao mesmo tempo capacitá-lo para atuar com alunos com deficiência. O conhecimento de LIBRAS, por exemplo, é muito importante na comunicação com o aluno.

As aulas de educação física devem ser concebidas como momentos de grande contribuição para a inclusão do aluno com deficiência na escola. Inclusão, aqui é entendida como garantia de acesso e permanência do aluno na escola, onde todos os seus direitos sejam respeitados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução á metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10.ed, São Paulo: Atlas, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**: livro 1/MEC/SEESP. – Brasília: a Secretaria, 1994.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLELLO, Silva. **Alfabetização em questão**. São Paulo: Global, 1995.

FERREIRA, Luciana et al. **Natação para crianças com deficiência física e seu desenvolvimento psicomotor**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd151/natacao-para-criancas-com-deficiencia-fisica.htm>. Acessado em: 14/11/2014.

GORGATTI, M. G.; COSTA R. F. **Atividade física adaptada**. São Paulo: Manole, 2005.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento Psicomotor**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

_____. **A educação pelo movimento**: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LEMONS, E. F. **O Princípio da Inclusão: um elemento da metodologia das aulas de**

Educação Física. Revista Interação. Ano 14. Edição Especial. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Especial, 2002. p. 14-22.

MATTOS, Mauro Gomes; NEIRA, Marcos Garcia. **Psicomotricidade.** 2000. mimeo.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. “**LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)**” (Verbetes). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira.** Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2006.

MOREIRA, A. F. **O currículo como política cultural e a formação docente.** In SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (Org.) **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina.** COGEN: Florianópolis, 1998.

ROSADAS, S. C. de. **Atividade Física Adaptada e Jogos Esportivos para o Deficiente. Eu posso. Vocês duvidam?** Rio de Janeiro / São Paulo: Atheneu, 1989.

SANTOS FILHA, D.A. **A Linguagem de Crianças Deficientes Auditivas do INES: um estudo avaliativo.** (Dissertação de Mestrado). UFRJ: Rio de Janeiro, 1996.

SHIGUNOV, Viktor; SHIGUNOV NETO, Alexandre. **A formação profissional e a prática pedagógica: ênfase nos professores de Educação Física.** Londrina, Paraná: O Autor, 2001.

SHIGUNOV, Viktor; SHIGUNOV NETO, Alexandre. **Educação Física: conhecimento teórico x prática pedagógica.** Porto Alegre: Mediação, 2002.

SOLER, R. **Brincando e Aprendendo na Educação Física Especial.** Rio de Janeiro: Sprint, 2002.